

RESENHA

1984: A MENTIRA DO MINISTÉRIO DA VERDADE

Fabrício César de OLIVEIRA

Doutor em Filosofia da Linguagem e Linguística ó UFSCar

Docente do Insituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)

Campus São Paulo ó SP ó BR

1984, de George Orwell, é a expressão de um sentimento, e é uma advertência. O sentimento que expressa é de quase desespero acerca do futuro do homem, e a advertência é que, a menos que o curso da história se altere, os homens do mundo inteiro perderão suas qualidades mais humanas, tornar-se-ão autômatos sem alma, e nem sequer terão consciência disso.

[ERICH FROMM, 1961]

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, fez de *1984* um espelho estético e político do século XX. Um espelho que reflete e refrata a realidade de forma distópica, levando a Literatura a um patamar de vanguarda, prenunciadora do Estado de Vigilância em que vivemos no século XXI, em uma época de õBlack Mirrorö, espionagens reveladas pela

NSA, por Edward Snowden e o Wikileaks ³. O livro de Orwell é, portanto, uma crítica mordaz ao perigo de estarmos à beira de cortejar regimes totalitários, opressores, antidemocráticos e que criam seres autômatos e não autônomos.

Cabe, portanto, de início, ressaltar que o caráter desta resenha é potencializar aspectos políticos e estéticos de uma obra já bastante debatida, ou seja, não cabe aqui o interesse de apenas resumir passagens, de forma clássica e puramente acadêmica, mas pontuar dois breves aspectos da obra: a ironia que Orwell utiliza para criticar a armadilha de linguagem em que nossos tempos estão mergulhando; e a linguagem como elemento crucial de disputa na Grande Mídia, como se tivesse um Winston Smith trabalhando, limpando e transformando mentiras em elemento verídico para o *Ministério da Verdade*.

Winston é o protagonista da narrativa, ao qual o narrador, em terceira pessoa e onisciente, procura nos levar como cúmplices e torcedores até na sua agonia de morte, em que vai sucumbir ao Grande Irmão (*Big Brother*). A realidade distópica que cerca Winston nos persegue no livro todo, pois nos faz andar ao lado do protagonista, nos faz ouvir seus pensamentos contestadores ao sistema, nos faz dialogar com a consciência, às vezes, sagaz de Winston. A escolha de Orwell pelo foco em terceira pessoa nos traz mais realismo para observarmos uma sociedade de futuro corrompido, de vidas espionadas pela *Teletela* (aparelhos que não desligavam e que tudo viam e ouviam dentro das casas e ambientes de trabalho), de existências transformadas em vazios burocráticos e de sonhos podados pela limitação da linguagem da *Novilíngua*. Em terceira pessoa, vemos Winston caminhar, pensar, escrever, questionar, se envolver com Júlia, sonhar e tentar lutar contra um sistema opressor, que, no entanto, não consegue superar, até acabar sendo consumido e morto por esse sistema. A distopia se faz mais forte a cada descrição do cenário futurista grotesco, da paisagem monocromática de cheiro de repolho cozido e suor ensopado nas paredes, com todos sendo constantemente vigiados, espionados, gerando uma péssima sensação paranóica e persecutória.

O trabalho de Winston era no *Minivero*, no *Ministério da Verdade*. Lá recebia informações e limpava as notícias para serem publicadas. Fazia, em suma, o trabalho sujo de não deixar passar notícias que contrariavam o Grande Irmão, as ordens do Partido. Pior,

³ a) *Black Mirror* é uma série de ficção científica e satírica da TV (NETFLIX/ 2011) que faz referência ao espelho do celular, das telas pretas desligadas, espécie de *teletelas* que tudo observam das atividades dos cidadãos mesmo estando aparentemente desligadas. b) NSA, sigla em inglês da Agência de Segurança Norte-americana que espionam cidadãos do mundo todo, inclusive Ângela Merkel e Dilma Rousseff, revelado por Snowden, ex-agente da NSA, em 2014. c) Wikileaks é o principal grupo de cyberativismo que denuncia a espionagem e as fraucas das grandes grupos políticos.

apagava registro de pessoas, ocultava seus passados, òvaporizavaö as informações da existência dos cidadãos que sumiam sem explicações, pois eram mortos pelo sistema.

Há passagens importantes que revelam o trabalho de Winston, mas não há passagem mais reveladora e crítica que o final da Capítulo 7 da Parte Um, em que se narra:

Muito provavelmente as confissões haviam sido reescritas e reescritas tantas vezes que os fatos e as datas originais haviam perdido toda a importância. O passado não apenas mudava como mudava sem cessar. O que mais o afligia, o que lhe dava uma sensação de pesadelo, era nunca ter chegado a entender direito por que a grande impostura fora empreendida. As vantagens imediatas de falsificar o passado eram óbvias, mas a razão profunda era misteriosa.ö [ORWELL, 2013, p. 99]

A razão profunda ficará óbvia ao longo da narrativa: manipular sujeitos autômatos, alienados e constantemente perseguidos e tendo a sensação constante de perseguição. Ou seja, a manutenção do poder passa por falsificar a realidade de seu povo a seu favor. Nada pior e mais poderoso para manter o poder que a manipulação da linguagem, da propaganda, dos meios de informação, de propagação das notícias. O òMinistério da Verdadeö é falso até no nome, pois propaga mentiras ou notícias falsificadas. Pior, mexe no passado. Acaba com a memória. A memória curta é colocada em xeque com um passado que não se sabe mais se existiu, pois não há registros. É o lugar mais perigoso, é a crítica mais voraz do livro de Orwell, já que é a palavra também o lugar da memória, pois, é pelas narrativas orais e escritas que um povo faz reviver seus autores, seus heróis, seus narradores, suas promessas, seus acertos e seus erros mais reveladores.

Ter o passado mudando sem cessar é o pior dos pesadelos, pois não há mais segurança. E ironicamente não há mais verdade. Abre-se a òEra da Pós-Verdadeö⁴, em que as mentiras são colocadas em um patamar mais verídico e as verdades são secundárias. Tempo nosso, em que o boato venceu o fato, as acusações e convicções vencem as provas. Orwell, em 1948-49, quando escrevera o livro, montou um cenário distópico e, ironicamente, muito próximo ao nosso atual.

A ironia caracteriza-se em dizer o contrário do que se quis dizer, é um elemento sensível, técnico e linguístico de crítica e sátira, por isso é um aspecto muito utilizado por literatos e geniais autores. Nota-se isso em Orwell, ao escolher como nome do òMinistérioö da

⁴ òPós-verdadeö foi a palavra do ano de 2016 escolhida pelo Dicionário Oxford. O verbete é assim definido: òcircunstâncias em que os fatos objetivos têm menos influência sobre a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoaisö

Mentira, da falsificação, da farsa, como sendo o da Verdade. Sua narrativa mostra com isso o caráter ardiloso e a grande armadilha que enfrentamos em nossa Sociedade da Informação em transição para a Sociedade do Conhecimento, que se distinguem e distinguirão os cidadãos pela fonte de informação que pesquisam. Embora a web e a internet, tenha trazido o benefício da democratização da informação, ela trouxe também o grande malefício da viralização da desinformação. A passagem para uma Sociedade do Conhecimento necessita de uma forte batalha contra as mentiras como prioritárias e as verdades como secundárias. Portanto, Orwell estava nos alertando sobre uma distopia que parece mais nossa realidade a cada dia, pois a verdade é apagada e as mentiras sobressaltadas como produtos nas prateleiras que somos obrigados a consumir aos olhos do Grande Irmão.

O alerta de Orwell se reflete em Winston, afetando sua saúde mental, sua autonomia, sua capacidade de refletir, questionar, em suma, afeta sua potencialidade de Ser Humano.

Considerou a hipótese, como tantas vezes, de ele próprio ser um doente mental. Talvez um doente mental fosse simplesmente uma minoria de um. Houvera um tempo em que se considerava sinal de loucura acreditar que a Terra girava em torno do Sol. Hoje, o sinal de loucura era acreditar o passado era inalterável. Ele poderia ser o único a acreditar naquilo e, se fosse o único, seria um doente mental. Mas a idéia de que talvez fosse uma doente mental não chegava a perturbá-lo muito: o horror estava em também existir a possibilidade de estivesse errado. [Ibidem, 2013]

Winston entra no dilema do ser humano que pensa, do que duvida, do que é autonomia e não automatismo ou apenas mecanicismo. Winston calcula o dano, procura mensurar se não era melhor estar louco em um mundo distópico, perverso, pois assim poderia escapar, salvar-se e salvar um pouco de nossa humanidade. Orwell na voz de Winston nos faz pensar sobre o que historicamente já foi dito como verdade e que hoje é empiricamente falso, pois foi comprovado com fatos e provas científicas o geocentrismo frente ao heliocentrismo, por exemplo.

Todavia, fica uma pergunta: como se salvar em nossa chamada Era Pós-Verdade, em que a Grande Mídia está cada vez mais poderosa e o cenário distópico de Orwell parece ser o prenúncio do que viverão as próximas gerações, que resultarão da nossa apatia em não enfrentar um sistema tão perverso, perseguidor, opressor de autonomias?

A resposta passa pela formação crítica de bons leitores, principalmente em resistência ao alerta de Orwell: nosso passado não pode ser falsificado sem cessar. As

narrativas, os narradores, a História e principalmente as Ciências da Linguagem, como Linguística, Filosofia da Linguagem, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras e Literaturas devem buscar a rememoração e a memorização constantes de nossos aspectos mais verídicos e comprovados por dados, fotos, registros, provas. Passa, por exemplo, por uma simples análise de texto de algum jornal ou periódico, mostrando aos alunos e professores que o uso da linguagem é uma armadilha. Contudo, tudo passa pela ordem do discurso, pela disputa no nível da linguagem. É a palavra, diria Mikhail Bakhtin, ãa arena mínima das lutas de classes. É, portanto, na palavra, na disputa dela que vemos os jogos ideológicos sendo travados, às vezes entre classes, às vezes entre grupos sociais ou bolsões de consumidores.

Nota-se tudo isso, de que *1984* nos alerta, as disputas discursivas e de linguagem, ao se analisarmos breve e resumidamente uma chamada da FOLHA de S. Paulo em 18 de Maio de 2016: **"Temer fará pronunciamento para "revelar" país que recebeu de Dilma."**

Observemos:

1. O verbo "recebeu" não é muito correto, pois:

a) coloca Michel Temer como passivo (aquele que recebe), embora não o seja, já que fez parte do governo nos últimos 6 anos (2010-2016), assinou decretos 4 vezes mais dispendiosos que Dilma Rousseff, ou seja, o verbo está incorreto, pois Temer deveria ser ativo e não passivo na frase.

b) levando em conta que ele não foi eleito, o verbo correto ou expressão seria: "herdou" (só substituir na frase e verá que fica mais verossímil), ou "usurpou", "golpeou" (se você preferir revelar a verdade) ou "começa a ter ciência". Ou seja, as quatro opções seriam mais sensíveis à verdade histórica.

2. O verbo entre aspas "revelar" é tendencioso, pois:

a) indica revelar algo que não se sabe e que pode ser pior, algo surpreendente;

b) indica querer espetacularizar o já sabido, ou seja, prepara uma mentira ou "uma verdade espetacular".

3. Temer e Dilma estão diametralmente opostos no texto, pois:

a) são partes separadas que não têm diálogo, são oposição;

b) Dilma, a ativa; Temer, o passivo; (Criando um maniqueísmo: Dilma, a vilã; Temer, o salvador).

4. O "fará pronunciamento" cria expectativa de fala. Ou seja, chama a atenção do leitor para o que virá, cria um suspense e um desejo no leitor (espectador).

5. Uma análise da reportagem na íntegra, nos levaria a detalhes mais evidentes do trabalho de falsificação do "Mistério da verdade", pois no interior do texto da reportagem da Folha de S. Paulo, há outras formas de verificação de falsidade:

a) como "Capitalizar a Telebrás" quer dizer "PRIVATIZAR" uma companhia de telecomunicações inteira, para cobrir rombos que ainda vão se revelar no pronunciamento;

b) Ao final, a reportagem toda da Folha de S. Paulo diz que o rombo hipotético pode ser maior se não "RECRIARMOS" a CPMF, aquela mesma que Dilma Rousseff não pôde recriar e que a Folha era contra poucos meses antes e agora demonstra-se a favor. Ó muda o passado sem cessar, outra característica do "Miniver" da obra de Orwell.

Em suma, nossas conclusões levam a afirmar que a Folha de S. Paulo faz trabalho muito semelhante ao de Winston Smith no "Ministério da Verdade" do livro de George Orwell, "1984", em favor do Governo Temer; a polidez da linguagem muitas vezes guarda o rabo da mentira e é assim que as verdades colocadas como secundárias se perdem. É assim que a "Era Pós-Verdade" se expande, é assim que a Folha de S. Paulo mantém-se perto do poder, e assim parece ser o trabalho da Grande Mídia brasileira. É por isso que torna-se válido o alerta de Orwell sobre como estamos entrando em uma Era Distópica sem volta, que nos falsifica o olhar em benefício de grupos, governos, partidos, interesses específicos que podem nos levar ao fim da autonomia.

Os estudos da linguagem podem nos libertar de tudo que oprime nossa autonomia, afinal, como diria Winston, em seu caderno de anotações: "Liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro. Se isso for admitido, tudo mais é decorrência". Enquanto o Grande Irmão nos força a dizer que Dois e Dois são Cinco (clara mentira), dizer a verdade e lutar por ela na arena perene da vida, nos fará verdadeiramente livres, ou seja, nos fará conscientes que somos seres dotados de ideologias, pois somos os únicos animais dotados de palavras, e tudo mais é decorrência.

REFERÊNCIAS:

ORWELL, G. 1984. Trad. Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. Posfácio de Erich Fromm, Ben Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1772488-temer-fara-pronunciamento-para-revelar-pais-que-recebeu-de-dilma.shtml?cmpid=facefolha>

Envio: Novembro/2016

Aceito para publicação: Novembro/2016

METALINGUAGENS, n. 6